

CAETANO VELOSO ESTACIONA E ATRAVESSA: CONTRACOMUNICAÇÕES COMO CRÍTICA DAS ESCRITAS BIOGRÁFICAS MIDIÁTICAS

Caetano Veloso parks and crosses: countercommunications as critiques of the mediatic biographic writings

Caetano Veloso aparca y cruza: las contracomunicaciones como crítica a los escritos biográficos de los medios de comunicación

Luis Felipe Abreu¹

Resumo

O artigo propõe uma leitura da matéria *Caetano estaciona carro no Leblon nesta quinta-feira* como paradigma da inflação da escrita biográfica no contemporâneo. A partir de pesquisa bibliográfica sobre o espaço biográfico hoje e sua colonização pela retórica da comunicação massiva, demonstramos um paralelo recrudescimento do apelo à ficção, que dá origem a textos literários que parodiam o biografismo midiático. Entendidos como contracomunicações, esses discursos produzem uma crítica da febre biográfica, demonstrativa de suas ressonâncias e limites estético-comunicacionais.

Palavras-chave: Biografia. Espaço biográfico. Contracomunicação. Caetano.

Abstract

The article proposes a reading of the article *Caetano estaciona carro no Leblon nesta quinta-feira* as a paradigm of the inflation of biographical writing in the contemporary world. Based on bibliographical research about the biographical space today and its colonization by the rhetoric of mass communication, we demonstrate a parallel upsurge of the appeal to fiction, which gives rise to literary texts that parody the media biography. Understood as counter-communications, these discourses produce a critique of biographical fever, able to demonstrate its resonances and aesthetic-communicational limits.

Keywords: Biography. Biographical space. Counter-communication. Caetano.

Resumen

El artículo propone una lectura del artículo *Caetano estaciona carro no Leblon nesta quinta-feira* como paradigma de la inflación de la escritura biográfica en la contemporaneidad. A partir de una investigación bibliográfica sobre el espacio biográfico actual y su colonización por la retórica de la comunicación de masas, demostramos un auge paralelo de la apelación a la ficción, que da lugar a textos literarios que parodian las biografías mediáticas. Entendidos como contracomunicaciones, estos discursos producen una crítica de la fiebre biográfica, capaz de demostrar sus resonancias y límites estético-comunicacionales.

Palabras-clave: Biografía. Espacio biográfico. Contracomunicación. Caetano.

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Professor Substituto na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. paraluisabreu@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-2460-5165>.

1. Introdução

Eles querem notícia o tempo inteiro? Pois vou lhes dar notícia, custe o que custar”, tramei em silêncio. “Eles” deviam ser meus chefes, o Terra, a concorrência, o público, a cultura do clique e sei lá mais o quê. Resoluta, invoquei o beabá das técnicas jornalísticas e mandei bala no título da galeria. Quem? Caetano Veloso. O quê? Estaciona. Onde? No Leblon. Quando? Nesta quinta-feira (10). Por quê? Por absolutamente nada. Quem se importa?” (ROXO, 2021, n.p.)

A confissão é de Elisangela Roxo (2021), jornalista responsável pela inesquecível reportagem *Caetano estaciona carro no Leblon nesta quinta-feira*, publicada pelo portal Terra em 2011² e, desde então, pedra filosofal de uma série de paródias, crítica e reflexões – como a própria Roxo discute no texto de onde se extrai essa confissão, criminal ou religiosa, *Eu existo!*, publicado pela revista Piauí em 2021, no aniversário daquela matéria inaugural.

Partimos aqui, com Roxo, da percepção de que seu texto pode ser lido como um caso paradigmático de seu tempo, como explica na descrição do contexto da redação que partiu aquela estranha reportagem, ansiosa por acessos a matérias sobre celebridades: “Meu cotidiano na redação se revelava menos interessante e mais automático do que eu gostaria. Tudo girava em torno dos tais cliques” (ROXO, 2021, n.p.). O caso explicita um recrudescente encantamento da mídia pela história de vida, explorada nos seus aspectos mais mínimos e particulares, arranjados com tintas de revelação e sabor de fofoca.

² Disponível em: < <https://www.terra.com.br/diversao/gente/caetano-estaciona-carro-no-leblon-nesta-quinta-feira,41d3399ae915a310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>>. Acesso em 30 ago. 2022.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Essa leitura é realizada também por estudiosos do espaço biográfico contemporâneo, como François Dosse (2009) e Leonor Arfuch (2010): das páginas de volumes biográficos distintos, a escrita de vida vazou para os jornais, para os sites e para as redes sociais:

O novo traçado do espaço público transformou decisivamente os gêneros autobiográficos canônicos, aqueles que esboçavam as formas modernas de enunciação do eu. O avanço da midiatização e de suas tecnologias da transmissão ao vivo fez com que a palavra biográfica íntima, privada, longe de se circunscrever aos diários secretos, cartas, rascunhos, escritas elípticas, testemunhos privilegiados, estivesse disponível, até a saturação, em formatos e suportes em escala global (ARFUCH, 2010, p. 151).

Chama atenção mesmo a variedade de suportes de escritura apontados por Arfuch (2010), de diários e cartas a programas televisivos. É a Comunicação que parece ditar as regras atuais do biografismo – não à toa Arfuch descreve tal cenário contemporâneo em termos inequivocadamente comunicacionais, como “midiatização”, “tecnologias de transmissão” e “espaço público”. Além disso, a expressão específica desse biográfico midiático (interessado sobretudo no registro pessoal e na revelação da intimidade), passou a vazar desses meios de comunicação de massa para outros tipos de registro, que lidam e refletem tal situação, como práticas testemunhais e textos literários, completando a inflação da vida na escrita.

É interessado na circularidade deste cenário, entre continuidades e rupturas, que este artigo propõe pensar a (contra)resposta que textos literários dão a essa contaminação midiática da escrita de vida. Se Roxo se viu impelida a registrar a travessia cotidiana de Caetano, diante de seu texto Rafael Sperling (2014) produziu o conto *Caetano Veloso se prepara para atravessar uma rua do Leblon*, em que reimagina a manhã do músico – e, no processo, produz uma paródia dos textos jornalístico-biográficos de hoje. Seu

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

conto, bem como o artigo de Roxo, acaba por dar a ver que nesse pretense esvaziamento da biografia há estratégias comunicacionais que devem ser lidas criticamente.

Para articulá-lo, o presente texto divide-se em três momentos: um primeiro visa caracterizar a inflação midiática do biográfico, a partir de um estado de arte dos seus diagnósticos como os de Dosse, de Arfuch, de Paula Sibília (2016) e de Italo Moriconi (2021). Após, provocados pela discussão a respeito de um apelo ficcional neste espaço, caracterizamos as respostas literárias aos fenômenos como *contracomunicações*, a partir de uma perspectiva teórica calcada em Décio Pignatari (2004) e Roland Barthes (1992). Essas duas seções confluem-se na terceira e final: uma análise das ressonâncias críticas entre *Caetano estaciona carro no Leblon nesta quinta-feira* e *Caetano Veloso se prepara para atravessar uma rua do Leblon*.

2. Derrames midiáticos e ficcionais no espaço biográfico contemporâneo

As escritas biográficas percorreram um longo percurso desde Plutarco e seu *Vidas paralelas* (1992) no século X, considerado o texto inaugural ao gênero. Na sua historização desse biográfico, Dosse (2009) identifica em meados no século XX o momento de erosão da ideia de “história monumental”, registro da vida dos sujeitos ilustres e seus feitos marcantes (como é o livro de Plutarco, hagiografia de imperadores) – estilo que era base e fundamento de origem do biografismo. Segundo o historiador, há uma verdadeira “política de abalo” entre as provocações da Escola de Annales³, o surgimento das histórias de vida como

³ Movimento teórico ligado ao periódico acadêmico *Annales d'histoire économique et sociale*, fundado em 1929 e engajado em uma renovação dos métodos e práticas historiográficas da tradição francesa.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

método de exposição na Sociologia, as biografias psicanalíticas, o boom da Micro-História e a gradativa valorização dos personagens comuns e cotidianos. “A pergunta sobre o que é o sujeito e os processos de subjetivação alimentam essa renovação da escrita biográfica, que ao nosso ver já entrou na era hermenêutica, a da reflexividade” (DOSSE, 2009, p. 229).

Essa demanda por uma nova ordem de abordagens e conceitos acabou por plasmar a criação de uma noção menos monolítica ao gênero, legível no conceito de *espaço biográfico* elaborada por Leonor Arfuch (2010). Este espaço é onde circulam narrativas de vida múltiplas, originadas não só dos campos “clássicos” como a Literatura ou a História, mas toda e qualquer inscrição na qual uma existência toca um texto – por menor que essa vida seja, por mais banal que seja (e por mais banal que seja o próprio texto, em consequência). A essa infinidade de choques Arfuch denominará *momentos biográficos*, “deriva de motivos e momentos, esses deslocamentos retóricos, metonímicos, que tendem ao biográfico sem ‘constituí-lo’, dinâmica perceptível no horizonte midiático” (ARFUCH, 2010, p. 30).

Também Italo Moriconi (2021) apresenta uma leitura deste espaço, deste “século biográfico”, como o chama, na medida em que a vida se torna matéria para toda a sorte de discursos, que incorporam a retórica do biográfico na medida em que a transformam. E é justo aí que é preciso entender a influência decisiva do comunicacional na construção intersubjetiva do biográfico, sendo ele um dos principais interlocutores dessas narrativas hoje. Arfuch (2010) elege os produtos midiáticos como objetos centrais para se compreender a tessitura contemporânea do espaço biográfico. Escreve: “Mas é o espaço enunciativo midiático, sempre plurivocal, que proporciona a maior evidência a esse respeito: trata-se ali verdadeiramente da construção dialógica, triádica ou polifônica das ‘autobiografias de todo mundo’” (ARFUCH, 2010, p. 63).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

É, em um exemplo preciso, a situação observada na redação do Terra em 2011, onde se gestou *Caetano Veloso estaciona...* Roxo (2021) lembra da presença, no escritório de uma televisão com a transmissão contínua de *reality shows*, programas que elegiam como personagens de interesse público personas comuns e seus dramas reconhecíveis: “Havia na redação um aparelho ligado 24 horas no canal pay-per-view do BBB11, que eu não parava de olhar. Aquela edição do programa versava principalmente sobre o triângulo amoroso entre a modelo Maria, o playboy Mau Mau e o médico Wesley” (ROXO, 2021, n.p.).

Além dos *realities*, Arfuch elenca também como casos-modelo da midiaticização do espaço biográfico os *talk shows*, os perfis jornalísticos, o apelo às histórias orais e aos depoimentos. Além de representarem um renovado interesse “deslize” na direção da miudeza cotidiana: “Poderia se ver nesse deslize, que talvez impropriamente se dissesse ‘biográfico’, um deslocamento de interesse pelas vidas célebres e pelos grandes cenários para as vidas comuns, para o que poderia ser a ‘própria’ peripécia” (ARFUCH, 2010, p. 78).

Na articulação entre essas inferências, entre a exposição de autobiografias banais e a miniaturização da vida exposta, articula-se o *cenário de show do eu*, identificado por Paula Sibilia (2016), outra leitora da explosão biográfica. É nesse fenômeno, motivado sobretudo pela fragmentação das narrativas de vida no espaço da internet por meio de blogs e sites de redes sociais, que Sibilia identifica sinais de uma nova configuração da sensibilidade, bem como “o avanço de um novo regime de poder: aquele que converte *você*, *eu* e todos *nós* nas personalidades do momento” (SIBILIA, 2016, p. 47, grifos do autor).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Neste regime, podemos ler a potência modelizante das narrativas biográficas que passam a contaminar o cotidiano na medida em que se expressam nas novas mídias – acelerando um processo de guinada subjetiva da cultura, identificado já por Beatriz Sarlo (2007) desde os anos 1970. O testemunho pessoal, narrativamente articulado pela “proliferação do detalhe individual” (SARLO, 2007, p. 52), recoloca o sujeito como centro das atenções no espaço – mas se já não é mais o sujeito escrito por Plutarco, suas ações tampouco ecoam as conquistas imperiais daquele. Essa mudança subjetiva acaba por alterar radicalmente também o escrever da vida desses novos atores do espaço.

Como lemos em um agudo exemplo trazido por Sibilia (2016): a transcrição de um especial de fim de ano no site do jornal *O Globo* que convocava os leitores a postarem suas memórias pessoais do período, aos moldes das retrospectivas jornalísticas que rememoram notícias marcantes. Mas, ao contrário dessas matérias grandiosas, o que se viu no site do veículo foi a profusão de pequenas manchetes como “‘Neste ano, o Hélio casou com a Flávia’, ‘Priscila desfilou no Sambódromo’, ‘Carlos conheceu o mar’, ‘Marta conseguiu vencer a sua doença’, ‘Walter e Susana tiveram gêmeos’” (SIBILIA, 2016, p. 16).

Assim, a autora questiona: “Como interpretar esse tipo de gestos que, faz tão pouco, constituíram uma novidade surpreendente, mas agora são tão habituais que já não espantam ninguém? [...] O que implica esse súbito resgate do pequeno e do ordinário, do cotidiano das pessoas comuns?” (SIBILIA, 2016, p. 16).

Tal incessante obsessão em produzir relatos da existência resulta em formas de vida mediadas por uma narratividade de inspirações ficcionais, no que seria um modelo de espetáculo, como lido por Sibilia (2016). Aí dialogicamente, se insurge uma necessidade de recorrer ao banal, reintroduzindo nessa prática

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

uma ordem de realismo, processo resumido em uma fórmula axiomática: “quanto mais a vida cotidiana é ficcionalizada e estetizada com recursos midiáticos, mais avidamente se procura uma experiência autêntica, verdadeira, não encenada” (SIBILIA, 2016, p. 247). Quando o cotidiano se vê colonizado pela retórica midiática, se vinga inundando com ele próprio os meios de comunicação.

Mas essa ficcionalização insiste, como forma de composição estratégica de construção do que seria a experiência autêntica. Como na edição de BBB acompanhada por Roxo e seus colegas de Terra: “Era engraçado acompanhar a personagem inventada por Maria, uma mocinha à la *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, que se atirou de cabeça no jogo e ganhou o prêmio de 1,5 milhão de reais” (ROXO, 2021, n.p.). Maria, a personagem enfocada pela narrativa de tintas biográficas do *reality show*, interessa na medida em que é absolutamente comum – mas a construção de sua persona depende, em igual medida, de um símile a uma personagem fictícia e célebre no panteão literário nacional. A coloquialidade da subjetividade biográfica contemporânea acaba, por sua vez, a remeter uma vez mais às raízes grandiosas do gênero: os personagens não interessam apenas por serem comuns, mas sim por, em sendo comuns, serem base para a invenção de uma grandeza análoga a dos imperadores plutarcianos. Como bem coloca Moriconi (2021): “O real perfura a cortina do ficcional, mas este, por seu turno, fagocita o primeiro, incorporando-o ao jogo de espelhos narrativo”.

Assim, *Caetano Veloso estaciona...* se torna indissociável das suas repercussões, no que elas animam aquela pálida matéria (composta apenas por seu título e meia dúzia de fotos legendadas) para além de sintoma, demonstrando seu papel nesses novos papéis comunicacionais da escrita de vida. Gostaríamos aqui de focar em uma dessas repercussões, o conto *Caetano Veloso se prepara para atravessar uma rua do Leblon*, presente no livro *Um homem burro morreu* (SPERLING, 2014). Ali, o texto

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

reimagina a manhã em que o artista parou seu carro no bairro carioca, dando espaço a uma descrição minuciosa de seus movimentos, em um ritmo humorístico e que parece satirizar a própria escrita jornalística. Na distância entre os dois é que se encaminha a reflexão aqui, curiosa em perceber os modos como a experiência de vida e o registro biográfico são expostos e espelhados pelas mais diversas narrativas comunicacionais – e ficcionais.

Porém, antes de proceder a uma análise propriamente dita do conto, cabe entender seu papel em relação à reportagem do Terra – e, nesta relação, propor um caminho de leitura para os trânsitos entre biografismo, mídia e ficção através da aplicação do dispositivo crítico-teórica da *contracomunicação*.

3. Contracomunicações literárias como dispositivo crítico do biografismo

Portanto, Caetano Veloso cruza a Grande História das histórias de vida, como aquela descrita por François Dosse (2009), em direção às historietas de todo dia, como as vistas nos jornais ou pela internet, em perfis, obituários, entrevistas, etc., conforme lidas por Arfuch (2010) e Sibilia (2016). Dentro desta geográfica do biográfico, propomos agora, no passo da travessia de Caetano, avançar até às histórias, recuperando este neologismo ligado ao folclore e à ficcionalização para discutir as reapropriações do modelo narrativo comunicacional por certas escrituras, entre o crítico e o paródico.

É na captura de textos como o do Terra que buscamos caracterizar a fragmentação “estado de coisas biográfico-midiático”. Além disso, às tais imagens de mim, você e de todos nós, interpor os espelhos que nos permitem revisá-las, na percepção dos discursos literários contracomunicacionais

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

(PIGNATARI, 2004; BARTHES, 1992): a compreensão de textos cuja função é instaurar um regime de visibilidade sobre certas práticas e concepções – no caso o derrame do biográfico sobre a mídia.

O termo *contracomunicação* e sua noção aqui se devem sobretudo ao trabalho do semioticista Décio Pignatari (2004), em seus ensaios sobre teoria da mídia e da arte. A partir sobretudo da obra de Marshall McLuhan, Pignatari concebe um esquema conceitual no qual a Comunicação instaura ambiências, modos de ser e fazer, que vem a ser testados e contestados por discursos artísticos, capazes de tornarem visíveis as engrenagens de funcionamento e significação dos objetos e tecnologias midiáticos. Mais precisamente:

A arte é esse contra-irritante, esse antiambiente, pois ela previne e prepara a sensibilidade para as mudanças e os efeitos causados pelos novos meios de comunicação, *extraindo dos próprios meios os meios com que criticá-los e compreendê-los*, ou seja, os meios com que criticar e salientar os desmandos provocados pelas novas tecnologias, amaciando os seus efeitos de hipnose e alienação (PIGNATARI, 2004, p. 73, grifos nossos)

Se, na esteira de McLuhan, o foco aí se encontra um tanto nos processos tecnológicos e nas relações instauradas por novos meios como o rádio e a televisão, esse construto conceitual interessa aos estudos do biográfico na medida em que postula essa capacidade irritante de certas práticas e discursividades. A operacionalização dessa crítica contracomunicacional é, para Pignatari, relacionada ao processo semiótico da metalinguagem, compreendida enquanto “uma linguagem crítica, com a qual se estuda a linguagem-objeto, sem com esta se confundir” (PIGNATARI, 2004, p. 250).

A partir dessa linguagem construída a partir dos objetos, se evidenciam os “desmandos” dos atos de comunicação: as implicações da biografematização do espaço biográfico. É em tais termos que se

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

ecoa também outra definição da contracomunicação enquanto mecanismo de investigação narrativa, presente na crítica semiológica de Roland Barthes (1992). Se Pignatari imagina uma metalinguagem, que vem a socorro da linguagem-objeto, Barthes entende seu papel na análise, mas a postula mais como um caso de mapear as conotações imbuídas desde já no ato de enunciação: “Funcionalmente, a conotação, gerando por princípio o duplo sentido, altera a pureza da comunicação: é um ‘ruído’, voluntário, cuidadosamente elaborado, introduzido no diálogo fictício entre o autor e o leitor, enfim, uma *contracomunicação*” (BARTHES, 1992, p. 43, grifo nosso).

De uma à outra definição, fica a ideia de um *diálogo*, que vai dos objetos até a sua crítica, envolvendo com a própria linguagem os procedimentos que se quer deslocar, de modo a compreender suas funções; contra uma suposta pureza, reconhecer as contaminações e colocar os espelhos tortos diante dos fenômenos. Como escreve Moriconi (2021, p. 1): “Crítica biográfica e prática da escrita biográfica andam juntas e se existe hoje ‘evolução’ ou ‘diversificação’ formal desta última, ela se dá na intercomunicação entre ambas. A crítica é a dimensão reflexiva e autorreflexiva das práticas discursivas”.

A partir de tal perspectiva, é possível estabelecer uma visão crítica mais compreensiva do espaço biográfico, para além da mera denúncia de sua “vulgarização”. Entendendo os discursos biográficos neste contínuo de linguagens, compreendemos melhor, por exemplo, a profusão de romances que se valem da retórica da escrita de vida, como identifica também Moriconi (2021). Eles respondem àquela demanda por ficcionalização, lida já por Sibilia (2016) e Arfuch (2010) – mas mais radicalmente podemos ver textos como o de Rafael Sperling, que respondem ao derrame midiático da biografia, demonstrando-lhe a constituição e dando a ver seus alcances e limites. O leiamos contracomunicacionalmente, portanto.

4. Caetano Veloso estaciona e atravessa a escrita biográfica

Um homem burro morreu (SPERLING, 2014) é um livro de contos heterogêneo, mas que parece demonstrar uma preocupação em capturar certa linguagem comum do cotidiano, entre o registro de certos clichês de fala e a paródia de discursos midiático. Neste sentido, *Caetano Veloso se prepara para atravessar uma rua do Leblon* é especialmente forte, na medida em que desvela a construção de um tipo comezinho de narrativa.

O vemos no modo como o conto é escrito, em, em estreita relação a *Caetano Veloso atravessa...*: ali, o que era restrição na notícia do Terra se torna profusão. Acompanhamos todos os movimentos do músico em sua trajetória: “Mas Caetano Veloso é prudente e se prepara com muito cuidado. A travessia deve ser rápida e segura, dentro do possível. Caetano Veloso toma a decisão e começa a travessia. Ele chega ao outro lado da rua em segurança” (SPERLING, 2014, p. 7).

E ainda além: acompanhamos aí Caetano enquanto adentra um restaurante, faz sua refeição, paga a conta, atravessa a rua no caminho de volta, aguarda o manobrista no estacionamento onde deixou o carro, cenas acompanhadas por uma espécie de voz onisciente (ou inconsciente) que questiona o artista sobre seu humor diante do cotidiano: “– Você gosta dessa comida que você pediu, Caetano Veloso? – Gosto muito” (SPERLING, 2014, p. 8); “– Como você se sente após ter atravessado novamente a rua, Caetano Veloso? – Eu estou novamente muito feliz” (SPERLING, 2014, p. 10).

O que essas justaposições põem em jogo é uma descontinuidade dos intuitos engrandecedores das descrições biográfico-midiáticas. É o sujeito-Caetano que atravessa a rua, come em um restaurante, usa o banheiro, espera na fila para pagar o estacionamento... Tudo isso é exposto em dispositivos de

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

enunciação que fazem referência à exposição midiática, da referência explícita à notícia do Terra, decalcada no primeiro parágrafo do texto, em tom de lide jornalístico⁴, até as perguntas que voltam a atravessar o conto, indo indagar e explicitar as opiniões e preferências de Caetano: “– Você gosta dessa comida que você pediu, Caetano Veloso? – Gosto muito” (SPERLING, 2014, p. 8); “– Como estão as suas vezes, Caetano Veloso? – Estão ótimas” (SPERLING, 2014, p. 9). Há uma espécie de “contramitificação” da figura, uma ficcionalização que se dá justamente pela coloquialidade dos atos e sua descrição. Essa mitificação, como constituída na matéria do Terra, é abordada no conto como a suplementação de sua figura célebre por um sentido de cotidianidade, desvelada na reprodução exagerada, hiper-realista, das operações formais do texto original – retirar dos próprios meios os meios com que criticá-los, lembrando Pignatari (2004).

Se a notícia do Terra pode ser lida como síntese de um movimento transversal de publicização midiática dos sujeitos, o conto atenta aos modos de construção desse fenômeno, como uma metalinguagem biográfica. Se destacam o foco e a especificidade de construção dessa notícia, ao se concentrar em pequenos atos do dia-a-dia (estacionar o carro ou atravessar a rua) e tomá-los como centro e razão de ser do relato (que, lembremos, não traz nenhuma outra informação ou contexto ao fato).

Há um personagem e um movimento, e a visão disto basta. Em suplemento a essa restrição, o conto de *Um homem burro* morreu multiplica os detalhes e as descrições, ainda que mantenham o caráter cotidiano. Ou mais, indo reforçá-lo. Caetano Veloso estaciona, atravessa a rua, come em um restaurante, paga a conta em dinheiro, é simpático aos manobristas, gosta de cantarolar e tentar compor ao dirigir;

⁴ Lide é como se denomina, no jargão da escrita jornalística, o modo de redação das primeiras frases de uma notícia. Dados os preceitos do lide, esse parágrafo de abertura deve indicar de modo claro coisas como qual fato se noticia, com quem ele ocorreu, como e quando.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

não à toa, situações sempre mediadas pela intromissão das perguntas, simulando uma espécie de questionário jornalístico, bate-bola-jogo-rápido das entrevistas em programas de celebridades. *Caetano Veloso se prepara para atravessar uma rua do Leblon* põe em jogo algo como um espelho torto, cujo reflexo distorcido nos leva a, antes de questionar a imagem no vidro, voltar a olhar o corpo original, percebendo ali nuances antes despercebidas.

Caetano Veloso se prepara... (SPERLING, 2014) curva-se sobre *Caetano estaciona...* e esgarça todas essas operações. Mas, além disso, é o contradiscurso que parece permitir a existência do próprio discurso e sua compreensão dentro do espaço biográfico. A contrabiografia volta à biografia e nos faz perceber a inexistência de diferenças ontológicas entre ambas, dado que de uma à outra há o mesmo princípio de regulação estratégica, na tomada da vida por matéria-bruta de modelagem, não objeto a ser reproduzido ou representado em sua clareza própria – e desafia-se aí a ideia de que haveria mesmo uma clareza própria aos fatos da vida. Seria ela permanente fonte de roubo e devorações pela narrativa; o que há são, apenas, *momentos biográficos*. E há, sobretudo, *sua escrita*.

Como belamente sintetiza Silviano Santiago (2015, p. 16): “Em termos de grafias de vida quase tudo é ficção”. Mas ficção nem sempre é mentira; ainda que não queira dizer verdade. A biografia, atravessada por suas redes midiáticas, transforma os próprios pressupostos.

5. Considerações finais

Se Elisângela Roxo (2021) parte de sua criação para ler, em tom de *mea culpa*, *Caetano Veloso estaciona...* como signo de tempos novos ao jornalismo, de caça aos cliques e alimentação frenética de *home pages*, tomamos a matéria aqui como chave para abrir os labirintos do biografismo contemporâneo – compreendido não só como uma “decadência” do gênero, mas uma verdadeira transformação nas suas redes de escrita.

Do estacionamento do carro “real”, registrado em foto e descrito com as tintas objetivas de um jornalismo-verdade, à travessia fictícia, acabamos por inferir três conclusões principais. A primeira diz respeito à caracterização das estratégias enunciativas dessas novas escritas midiáticas de vida: vemos de um texto ao outro como se denotam o uso dos detalhes pessoais e particulares, como reação e resultados do clima “espetacular” e do imperativo de personalização diagnosticados por Sibilia (2016). Vamos que, na pretensa objetividade jornalística, esconde uma estratégia narrativa que é, em simultâneo, parte importante da subjetivação contemporânea. De que interessa se Caetano Veloso gosta de seu almoço? É o que mais nos interessa, conclui-se.

Mas, ainda nestes termos, podemos entender como segundo inferência à análise, que essa denotação do regime de escrita dessas biografias também auxilia a revelar sua força latente enquanto criação de sentidos. Ao transformar a curiosa matéria do Terra em uma narrativa linear, quase clássica se diria, *Caetano Veloso se prepara...* (SPERLING, 2014) não só demonstraria o absurdo da banalidade da nota a que se refere, mas também demonstraria nela uma força poética inaudita. Se o

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

biográfico contemporâneo se apoia na tensão entre um interesse pelas “biografias comuns de todos nós” e uma herança da responsabilidade de tratar de figuras públicas e de interesse sócio-políticos, a singularidade com que a nota sobre o estacionar de Caetano produz ela própria uma crítica a esse binarismo. O choque que a nota causa (“mas afinal, porque isso é notícia?”) dirige-se não a ela, mas a todo espaço biográfico. Afinal, se esse fato é banal porque ele deve ser registrado? Ora, mas o interesse e a pretensa democratização das escritas contemporâneas não veriam valor justamente aí, no fato de podermos falar do “eu, você, de qualquer um”? A nota dá a Caetano Veloso um estranho estatuto, de celebridade anônima, e os transforma em um exemplar potente dos fantasmas que assombra a escrita de vida, como o diz Italo Moriconi (2021). Escrevê-los é impossível, mas é a perseguição dessa escrita que propela o biografismo.

Por fim, como terceira conclusão a essa análise, combinando as duas anteriores, vemos que os relatos biográfico-midiáticos como estes *inventam* suas críticas, mas, por sua vez, são inventados por elas, em um regime de suplementação. Não é possível conceber as narrativas contracomunicacionais como “superiores” a suas fontes jornalísticas e publicitárias, em vista que delas são indissociáveis. Nem mais eticamente corretos, nem esteticamente melhores acabados: não podem de modo algum serem tomados como entidades separadas. Assim como, e aí chegamos já a uma sensível inferência dessa análise, os objetos comunicacionais não podem mais ser compreendidos sem que se pensem em conjunto suas críticas e paródias. Compõem, ligados, uma espécie de ecologia do biografismo contemporâneo.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Nela, o midiático (como *Caetano Veloso estaciona...*) altera a forma de se conceber e apresentar o biográfico. Mas acaba por, gerando novas figurações (como *Caetano Veloso se prepara...*), deslocar mesmo a própria ideia do que seria o biográfico, por meio da manipulação crítica, na exposição de seus mecanismos. O que a exploração dos nós nessas redes de linguagem e comunicação dá a ver é que esse biografismo retorna e passa a trabalhar a discursividade ficcional por dentro – movimento denotado pelas contracomunicações críticas, mas visível, a partir delas, nos próprios fenômenos “originais” (em que pese a incorreção de tal termo a partir dessa perspectiva).

Como a própria vida, a biografia não resiste a ser alterada na sua escrita; se transforma – mas transforma junto os meios nos quais se inscreve.

Referências

- Arfuch, L. (2010). *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Barthes, R. (1992). *S/Z*. São Paulo: Nova Fronteira.
- Dosse, F. (2009). *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp.
- Moriconi, I. (2021). O século biográfico. *Revista Z Cultural*, 16 (2), 1-9. <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-seculo-biografico/>>. Acesso em 30 ago. 2022.
- Pignatari, D. (2004). *Contracomunicação*. Cotia: Ateliê Editorial.
- Plutarco (1992). *Vidas paralelas*. São Paulo: Editora Paumape.
- Roxo, E. (2021). Eu existo!. *Revista Piauí*, 175. <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/eu-existo/>>. Acesso em 30 ago. 2022.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Santiago, S. (2015). Grafias de vida – a morte. *Revista Serrote*, 19, 6-29.

Sarlo, B. (2007). *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São. Paulo: Companhia Das Letras.

Sibilia, P. (2016). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Sperling, R. (2014). *Um homem burro morreu*. Rio De Janeiro: Oito e Meio.

Terra (2011). *Caetano Estaciona Carro no Leblon Nesta Quinta-Feira*. <<https://diversao.terra.com.br/gente/caetano-estaciona-carro-no-leblon-nesta-quinta-feira,41d3399ae915a310vgnclid200000bbcceb0arcrd.html>>. Acesso em 30 ago. 2022.